

O rochedo e a lírica 7

Arnaldo Dominguez*

*“Não será o temor da loucura que nos forçará a hastear a meio
pau a bandeira da imaginação*

Manifesto surrealista - A. Breton

NADA é a primeira palavra que me ocorre ao tentar definir o caminho do escritor. Talvez pretenda *tudo*, mas a lei de Tudo ou Nada é por demais radical.

Me encontro num dilema paradigmático. Como conciliar a ética com a estética? Sei que há uma lei que rege meu desejo, algo assim como um rochedo e então vejo na lírica um recurso que ultrapassa os limites. (Será uma escrita perversa’?)

De modo abstrato tenho inúmeras fantasias. Mas, de fato, o que tenho? Tenho uma estante abarrotada de livros. Muitos livros que já li. Porém, não todos. Inclusive os lidos por vezes, me resultam incompreensíveis.

* Médico. Especialista em Psicanálise. Coordenador do Núcleo de Estudos das Relações de Gênero nas Memórias Sexuais da SBRASH.

Vejo que estou aprontando minha mala. Breve estarei viajando na metáfora dos significantes mais deslocados possíveis.

Deixar fluir associações livres. Vide a mim as musas com seus atos falos! Elas produzirão alguma verdade com sentido. De resto, o incognoscível continuará “coisa”.

Será preciso um prólogo, pró-forma para introduzi-los?

Deveria, ao menos, situar-me temporo-espacialmente? Ressaltar o home próprio? Receio que meu nome de batismo não me seja de todo próprio.

Assumo meu delírio a homenagem às histéricas em vez de fazê-lo aos psicanalistas. A turma de André Breton já fez isto no manifesto surrealista e no cinquentenário de morte de Charcot. Quiçá mostrando que os santos estão mais próximos do diabo que de Deus.

(Escrevi Deus com maiúscula. Reconheço a metáfora paterna e aceito a perda do primeiro significante? Estarei aceitando finalmente a castração?)

Como me assustam um pouco os perversos polimorfos e me chateiam os obsessivos que me cobram fios condutores, e como prefiro uma borboleta ao Rockefeller Center, digo que sou idólatra dentro de qualquer ateísmo, ceticismo ou pessimismo que me for atribuído.

Idolatria a vida, logo seria incapaz de cometer suicídio, a não ser em estado de caos, como Deleuze (ou o Paulo, do meu prédio, que pulou do 24º em total dependência bio-psico-social, aproveitando o último fio de sanidade e cidadania que lhe sobrou).

(O viajante deverá escolher a solidão para cumprir o seu roteiro?)

Nada, escrevera minha caneta tinteiro. Uma multidão de amigos mortos em plena juventude, muitos deles, em vida. Uma política suspeita. Uma exigência epistemológica. Um final de milênio.

Eis a viagem, como Chronos, rumo ao futuro. Rumo a era de Aquarius.

Começo a me situar. Um delirante que se situa marca o retorno no estado habitual de neurose com direito a laços e nós.

Então releio o texto que ainda não foi escrito e pressinto a anastomose circular dos discursos. Um, fazendo o pedido e o outro, ao construir uma resposta, fechando o buraco.

A complementaridade dos discursos concede ao devir da loucura à dimensão essencial da saída. Mas fica uma hiância na intersecção dos escritos. No espaço da vida. O lugar do Real.

Nada é a primeira palavra que me ocorre. Deve ser o primeiro significante. Tudo, é o delírio de lírica.

Em meio disto há algo, que convencionou-se em chamar de realidade.

Eu não sei bem porque. Não estava na hora em que foi dito. Todos os ditos são anteriores a mim.

Anastomose, uma pulsão desesperada.

Eu não quero morrer. Por isso sugo tua alma como um vampiro.

Como um “michê afetivo”, sorvo a essência do teu hálito.

Me anastomosando a teu corpo, enxertando-me em ti. Pois não quero morrer. Ou será que estou morto? De tanto absorver o teu cheiro, receio ter perdido o meu. Por tanto desejar ser teu desejo, implorar ser teu objeto, aspirar ser teu, agora, se você me deixar, não sobraria nada.

Eu já não seria. Não consigo pensar em outra coisa, a não ser em ti. Logo, não existo. Nem cógito nem res-extensa.

Meu cogito só tem um símbolo: teu nome; e uma imagem: teu corpo-, que incorporado a minha res-extensa, fê-la desencarnar.

Portanto, não me deixe. pois não quero morrer. Você não pode me deixar. Não pode fazer isto comigo. Eu não sobreviveria.

Entretanto, ao mesmo tempo, é preciso que me abandone.

É preciso separar-se para que se rompa a nossa igualdade-branca.

Pressinto que se não nos separarmos iremos nos afogar na unidade anastomótica, pois parecemos uma solução de continuidade. Estamos geminados. Respiramos os mesmos vapores. Metabolizamos os mesmos humores. Evacuamos os mesmos excrementos.

Eu quero viver a sinto-me sufocado.

Estou apavorado. Percebo a menor mudança no teu olhar e me amedronta.

É como se a cada instante você fosse me abandonar.

Leio a legenda dos teus desejos com a esperteza imbecil de um clarividente, capaz de prever o porvir, mas sem saber o que fazer com a previsão. A não ser encenações disparatadas frente ao sinal mais insignificante, alertando-te, inclusive, do que para ti passasse despercebido (Ai, como gostaria de ter pau, boceta e cú, para preencher a satisfação de todos os desejos).

Mas somente consigo enxergar os meus defeitos, o que pode te levar a abandonar-me. Por isso me defendo expressando meus ciúmes.

Como, por exemplo: - Você está olhando para aquele cara lá... Pensa que eu não vi? Pensar que eu sou trouxa e que não vejo suas paqueras?

Sou um tolo, sim.

Sei que você estava olhando para o cara, mas não tinha visto.

Agora você já viu, graças a mim.

Mas fique despreocupado. Hei de me vingar. Vou lhe trair com o primeiro cara que me dê bola; estaremos quites.

Quites de que?

O cara com o qual lhe trairei será um fiasco. Não terá teu corpo que é meu. Não saberá lidar comigo portanto, a camisinha irá se romper. E não perceberemos. Então, ele gozará dentro de mim.

Um estranho qualquer de uma sauna gozará dentro de mim.

Será o fim. O fim do tormento que este amor me provoca.

Mas não pode ter fim? Juramos ficar juntos para além da eternidade!

Não posso te contar o que fiz. Devo te proteger, caso eu tenha me contaminado. Estou contaminado! E eu não quero morrer.

É tudo uma loucura, estou enfermo. Acabei de perder o que restava de razão em mim. Você tem que me cuidar. Afinal, és meu Anjo da Guarda.

Socorro... minha vida depende do teu cuidado!

Ao absorver tua vida, tomando-a para ruim a te incorporando passei a jurar que te amo. Mas, será amor ou será puro desejo de te destruir?

Sinto que te invejo profundamente. Invejo tuas qualidades que eu não tenho. Mais do que amor, parece uma maneira de obter poder.

De ser “especial”. Especial no teu amor.

Creio que vou te matar para morrer contigo.

Como? O que quer dizer com que está tudo acabado? Porque vai me deixar? Porque vai embora? Não seja cruel... Não me deixe sem sentido. Você esta me matando. Eu não consigo carregar sozinho este insustentável vazio de existir. Sozinho não dou conta.

E demasiado para mim...

A relação afetiva se transformou numa morte. Há algo no amor que destrói feito cupins. Há uma contaminação afetiva.

Procurava uma fórmula para a felicidade, mas desse jeito não dá para ser feliz. Nesse contexto não há lugar para a felicidade.

Se for fálco, destrói o outro. Se for castrado, será destruído e humilhado. A única alternativa que aparece é a da morte. Uma forma de recuperar a dissipação da individualidade, todavia, a relação sexual se transforma numa morte.

Se ficar o bicho pega. se correr o bicho come... Não há saída. Qual será a saída possível?

Tinha sido, até conhecê-lo, extremamente racional. Mas a razão era a defesa que impedia o incesto. Entretanto, chega um momento em que a razão passa a ser usada pelos sentidos, pois seduz.

Então tenta coibir a razão. Bloqueia a razão. Pois esta passa a significar a relação sexual. E a relação sexual é mortal. Logo, a razão torna-se ameaçadora. Deste modo, fica acuado e improdutivo.

Usar a razão contra os impulsos cria uma bagunça, pois a razão vira o próprio impulso.

Qual é o problema de se entregar aos impulsos’?

O problema é que, ao que parece, não existe realmente uma ameaça de castração. Se se entrega, tende a acontecer a dissipação. Incorpora o corpo do outro e deixa de ser. Morre.

Está mais vinculado ao gozo do aberto. Tudo se transforma num eu universal. Sem distinção. Toda a genitalidade reunida na utopia de ser único: fálico.

A inexistência de um que funcione como exceção, elimina a ameaça de castração.

Gozo do aberto: eliminação da castração. Gozo da loucura: eliminação das diferenças. Gozo fálico de um único falo universal.

Seduz com a razão, mas destrona. Isso significa mostrar a castração no outro. E a utopia não lhe permite. Todos é um. Um é o falo. Todos são o falo.

Nada breca o desejo, nem a morte, pois haverá vida eterna.

O outro, em desespero, afasta-se de maneira ambígua. Numa dualidade de confusão a sanidade.

Eis um caso de amor e gratidão. É preciso que se pague um preço pela felicidade. Pagasse pelo amor com sexo. Mas será castigado por amar.

A sauna é o único lugar onde faz sexo sem pagar. Sem saber com quem, não deve nada. Com um estranho, mesmo que seja um michê e lhe cobre, fica então, de graça.

A questão é? Será que sou amado?

Pois o fato de ter que pagar pelo amor de alguma forma, lhe cria uma situação de desprestígio e de humilhação. O faz sentir-se um michê afetivo. Um prostituto.

Parece que nunca sentiu-se amado como garantias (pelo pai?).

Necessita incorporar esse homem que lhe falta. Mas imediatamente sente vontade de matá-lo. De se vingar.

Enfrenta o pai, o desacata e se vinga. Num movimento histérico de derrogação do poder do mestre procura um poder acima do pai. Assim o pai não conseguirá castrá-lo. A sensação de onipotência tem o objetivo de evitar o anterior, de humilhação.

Ele corta o pinto do pai toda vez que o pai vêm cortar o pinto dele.

Essa derrocada do poder do pai, fica extremamente persecutória.

Pois se conseguir tal vitória, poderá conseguir qualquer coisa que desejar.

Levará a cabo, sem culpa, todo o seu desejo de destruição.

Mas a destruição tem suas conseqüências: ela faz enlouquecer.

A ruptura da aliança, o fim do sofrimento narcísico incoerente, após a aceitação da perda do objeto - que sempre esteve perdido na nebulosidade do que preexiste - permite o devir criativo. O do sujeito que ingressa no simbólico no reencontro com a sua história.

Então a lírica ganha a proporção estética conjuntamente com o rochedo da ética, e assim pode fluir como delírio, pois tratasse de um delírio reificado. A coisa recupera sua dimensão de coisa incognoscível e abandona-se a ilusão de vê-la refletida no espelho imaginário do pequeno outro.

A escrita não é mais perversa.

É simplesmente poética. Expressão da sensibilidade, que, no caso, ao dizer do cineasta Wilson Honório da Silva, da ECA/USP, poderia ser chamada de “sensibilidade Gay”. E porque não?

JÉ VOEUX MATERNÉ!

Sonhou que eu (o analista), estava na sala da casa dele, com um aspirador de pó limpando o tapete. Parece que havia algo oculto embaixo do tapete e eu poderia vir a descobrir. No caso, a metáfora do tapete refere-se ao suprimento no pré-consciente. Essa falsa aparência de bondade tratava-se de uma formação reativa cujo propósito era ocultar o oposto, de certo modo, conhecido e assustador. Um monstro censurado (apenas fantasia).

Eu lhe disse: - Um aspirador de pó?

E respondeu: - Sim... um aspirador de mente.

- Mente?

Não, eu não digo mentiras. Estou me referindo a um aspirador de cabeça...

- Aspira dor de cabeça?

(Era este o motivo que o trouxera para análise. Uma enxaqueca crônica).

Após uma pausa contou-me que a dor de cabeça era por causa do namorado que iria pegar “uma marginal”.

- Como assim? (o namorado estava aprendendo a dirigir seu automóvel).

- Ele vai sair hoje a noite. Tem uma festa e pretende ir de carro. Eu não posso ir e me preocupa pois terá que pegar uma marginal...

- Pegar uma marginal... na festa!

(silêncio) - Creio que estou enciumado e inseguro...

Meu cliente ocupava um cargo importante numa repartição pública. Dizia sentir-se “Sur de la melé”. Pedi-lhe para explicar melhor e contou-me que na França, o Juiz, por exemplo, pelo poder de julgar, está “Sur de la melé” (acima de todos, acima do povo).

Devido ao fato de lhe colocar a mão na cabeça para indicar o término da sessão, lembrou-se de um incidente, até então esquecido, e que deveria ter ocorrido quando era muito pequeno. Naquela ocasião estava sentindo dor de cabeça e uma senhora que não recorda quem era, “invadiu” a casa e entrou no

quarto onde ele estava, que não era o quarto dele, pois a cama era muito grande (??) e colocando-lhe a mão na testa disse-lhe que ficaria bom. E assim foi, tanto que melhorou e adormeceu no colo desta desconhecida.

A seguir contou-me que sua mãe era muito formal e que o pai só se ocupava das questões pessoais, esquecendo da existência dos filhos.

A mãe tinha um discurso “pró-forma”. Um discurso “paterné” (autoritário, professora), distante, cheio de formalidades. Disse: paternalista, e o disse em inglês pois, segundo ele, nessa língua soa exatamente como “significa”). O Seu próprio discurso tinha sido até então, um discurso “pró-forma”.

O namorado havia sido carinhoso, mas agora, proprietário de um veículo, estava se distanciando.

E meu cliente estava ficando preocupado, esperando que alguma coisa acontecesse, não sabendo ao certo, o quê.’

Parecia não saber o que, de fato, estava procurando...

Em lugar de tocá-lo na cabeça para indicar o término lógico da sessão, desta vez coloquei suavemente a mão e tal atitude minha o assustou muito.

Na imagem que eu havia construído a partir da escuta, soaram (como que contratransferencialmente) as palavras: “Jé voeux materné...”

Mas pronunciá-las, disse-me o bom senso, seria cometer o próprio incesto.

Como fiquei absorto neste pensamento além do que fico habitualmente, percebi que o eco das palavras do meu cliente havia batido em algum dos meus diapasões.

“Sur de la melé”... Analisei’?? É o próprio tapete. Este semblante que ostentamos, respondendo as ditas “expectativas sociais” da nossa cultura. Pensei posteriormente, em termos de gênero, na tentativa de associar esse discurso “pró-forma” a uma espécie de “protesto da masculinidade”, do modo em que me fora apresentado pelo cliente nas metáforas metonizadas em outra língua, que não a materna.

“Materné” - “Paterné”.

Deveria ser dissociado, é claro, do que se pensa ser “homem” e “mulher”, pois nesta história, o pai e a mãe aparecem “formais”, mas há um terceiro: uma mão misteriosa (materné) que passa a ocupar o lugar do objeto-perdido-para-sempre, reencontrado a posteriori no namorado, porém, por tratar-se de um reencontro, surge um carro e uma ameaça marginal que representam à dimensão essencial da separação.

A inexistência futura da perda (já ocorrida).

Sabíamos, até agora, que o sujeito formal (paterné) ocultava um desejo incestuoso: Jé voeux materné. Que o fazia desejante.

Que o sujeito desejante (materné) expressava um pedido de amparo. Apelava por um objeto que sabia, perdido. Portanto, a saída era tornar-se formal (paterné).

Mas a marca registrada na cabeça era a impressão da “letra”. Registro aparentemente deixado por um ser misterioso. Essa “zorra erógena” tornara-se dolorosa, desprazeirosa, procurando incessantemente por uma mão maternal (como parecia ser a mão do namorado, em outra época, ou a mão do médico-analista, agora). Mão esta, que proporcionasse a satisfação do desejo - o toque - porém, sendo preciso, a qualquer custo, o gozo - a cura.

Pois a cura- atingira uma perspectiva fálica e o lugar do “doente” (da enxaqueca), o lugar do gozo impossível. Minha mãe na cabeça era a possibilidade de se concretizar esse gozo-outro, proibido e ao mesmo tempo, tão intensamente desejado.

Uma leitura que foi feita a respeito do trabalho freudiano sobre o “homem dos ratos”, é que as frases interrompidas deste cliente representavam intestinos e o tato dele evitar de pronunciar a última palavra (ratz), implicava em impedir de mencionar o ânus da fala, como se deste jeito impedisse a entrada dos ratos. No entanto, Freud ao completar a falta, dizendo: Ratz, quase que sadicamente permitia ao rato entrar, causando um grande mal-estar no seu paciente.

Penso que quase fiz o mesmo que o mestre, ao colocar a mão na cabeça do cliente. Caso tivesse pronunciado seu desejo: *Jé voeux Materné*, teria completado incestuosamente sua falta.

O diapasão que vibrou deve ser o do meu “sadismo-paterné”.

O aspirador de mente. O juiz, que ao ficar no lugar de objeto-outro introduz uma lei perversa, anulando a castração ao ocupar o lugar imaginário de “*Sur de la mélé*”.

(Estar acima da lei significa ficar fora do alcance daquilo que acontece aos “simples mortais”, isto é, de castração. Talvez porque a fantasia envolvida crie a imagem de que a castração implique em se perder a cabeça. Ao mesmo tempo em que, perder a cabeça, signifique entregar-se a esse gozo que aniquila o ser. Um gozo de morte. Um gozo-materné).

Ao sair desse lugar onde meu cliente havia me colocado, ele pode se entregar (se submeter) a análise sem o temor fantasístico de que fôssemos “perder a cabeça”.

Desde o novo lugar, mostrei-lhe que sou apenas seu parceiro nesta caminhada em direção a travessia da angústia. Angústia para a qual ninguém está “*Sur de la mélé*” (a enxaqueca havia desaparecido).

EPÍLOGO

Para a filosofia, dispersão e recolhimento são os dois movimentos encontrados no pensamento humano (e há outro?). Um de expansão e um de retração, do tipo Bang e Crash, na física.

Na psicanálise aprendemos que o mecanismo de repetição tenta infrutuosamente ultrapassar os limites da neurose. Sem frutos, sem usufrutos (sem o gozo esperado).

Logo as metáforas e metonímias da lingüística, ou o deslocamento e a condensação do ID freudiano mostram (ocultam) as falhas do discurso que pretende, ao estabelecer o laço, nomear o objeto perdido (dizer uma verdade impossível).

Quando o discurso se endereça para a escuta analítica, permite ao analista desvendar o lugar do gozo do cliente e agir para fazê-lo perceber a impossibilidade do que busca, podendo assim mudar e diminuir o sofrimento incoerente enquistado no sintoma (o desejo do outro).

Mudar o lugar do gozo não significa trocar sua orientação afetivo-sexual por outra “melhor” (como muitos promulgam ao comparar heterossexualidade a homossexualidade - como se a genitalidade heterossexual estivesse “Sur de la mélé”).

Sair desse gozo narcísico significa adentrar na alteridade.

Neste ensaio que ora apresento e que denominei “O rochedo e a lírica”, tento, fundamentalmente, chamar a atenção para os lugares do analista.

Lugares que devem ser éticos (não estéticos), que podem ser do Juiz, desde que a lei que implante seja justa (sem abuso de poder), do louco que embarca no delírio do cliente, deixando-se levar. Do amante perverso, quase a ponto de cometer o incesto, mas que recua em tempo evitando a loucura do gozo do aberto, ao mudar para o lugar do amigo castrado, etc, etc.

Porém, quando meus clientes gays, lésbicas, travestis ou transexuais contam-me que já procuraram outros analistas e os abandonaram quando estes disseram que “queriam” ajudá-los a “deixarem de ser”, parece-me que os clientes tiveram a suficiente lucidez para escapar, pois, aqueles, iriam enlouquecê-los. Dominá-los pelo desejo deles - os analistas - para que se transformassem em “outra coisa” mais desejável.

Quando ouço profissionais diagnosticarem o que é “perverso”, “psicótico”. “psicopata”, etc., lembro-me da faculdade de medicina, quando tratava-mos de “diabéticos”, “cardiopatas” ou “ulcerosos”, ou, o que é ainda pior, de *leitos*.

Será que falta aos PROPEDEUTAS um pouco de lirismo?

Ou serei eu tão delirante, como um “amigo” analista já me di.

To be or not to be... that is the question!

Publicar um pensamento é colocá-lo no espaço público (o da política, conforme dizem os sociólogos). É submetê-lo a apreciação (e crítica) de “Um Grande Outro da Cultura” - aliás, para quem está sendo escrito.

Mas é política, sobretudo, porque tem remetente.

Se provocar reações, será preciso arcar com as conseqüências.

Dado que a política é o único dispositivo humanitário de que dispomos se pretendemos melhorar o mal-estar desta culture narcísica, como o é a nossa. Se ficamos conformados com a “falta”, esta pode vir a ser a falta de iniciativa (por não dizer, covardia).

O Rochedo, no caso, é este Grande Outro paternalista que nos bawa socialmente. Uma metáfora paterna imperativa.

A lírica, então, será um modo de protestar contra a injustiça do discurso dominante (se há algo em comum entre os oprimidos, é precisamente o lugar discursivo - o lugar do oprimido).

A “pena de Jean Genet” (minha caneta tinteiro) é a espada do perverso, segundo Serge André. Ora, pois que seja!

Se for esse o preço que terá que ser pago por aspirar a um mundo melhor para mim e para os meus semelhantes, pois pague-mo-lo!

Se é isto a perversão, neste exato momento, assumo-me PERVERSO, e por sinal, com muito orgulho.